

O eterno esforço externo

Maria Clara R. M. do Prado



É cada vez menor o número de especialistas que efetivamente acredita em saldo positivo para a balança comercial este ano.

Ninguém pode assegurar que haverá um déficit, mas as apostas nessa direção

têm aumentado. As exportações não deslancham. As importações resistem a ceder.

Para uma economia em desenvolvimento como o Brasil, a obtenção de saldos na balança comercial é a única forma de gerar divisas a partir de medidas internas. É o único item do balanço de pagamentos sobre o qual o governo tem algum controle.

Ainda assim, com toda a desvalorização cambial deste ano, as esperanças do governo podem cair no vazio.

Alguns analistas já falam em déficit de US\$ 600 milhões a US\$ 1 bilhão.

É uma guinada radical quando se pensa que há apenas seis meses o próprio governo

apontava para um superávit comercial em 1999 de nada menos do que US\$ 10,8 bilhões. Tinha a chancela do FMI e tudo.

Vale lembrar que aquele número foi embutido no primeiro memorando técnico dirigido pelo Ministério da Fazenda ao FMI justamente no momento em que o País colhia um déficit comercial, em fins de 1998, de US\$ 6,591 bilhões. E, mais interessante, quando ainda não se concretizara a mudança da política cambial.

Como em um passe de mágica, a situação iria melhorar de maneira extraordinária em curto espaço de tempo. Representaria, na prática, um esforço cambial da ordem de US\$ 17,4 bilhões em apenas 12 meses só com as operações de comércio externo.

O erro do governo, apoiado pelo FMI, foi em parte reparado na última versão (a terceira) do memorando técnico. Fala-se agora que o superávit da balança comercial ficará abaixo de US\$ 4 bilhões.

Isso levaria a um déficit da conta corrente — inclui a balança comercial, a balança de serviços (que envolve pagamentos de juros, fretes, royalties, remessa de lucros e dividendos) e ainda as transferências unilaterais (doações e heranças) — de US\$ 21 bilhões,

segundo as últimas mas nem por isso derreadas estimativas oficiais.

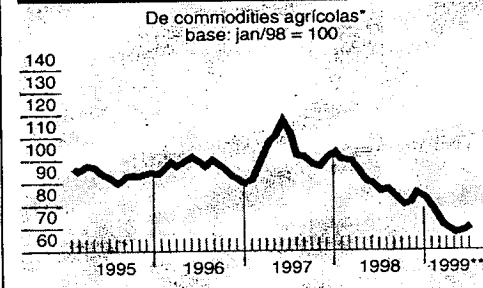
Bem, é preciso que se diga o seguinte.

Primeiro, a recuperação das exportações está tão lenta, mas tão lenta, que nem o próprio governo pode acreditar em saldo comercial de US\$ 4 bilhões. É difícil até pensar em US\$ 3 bilhões.

Iria demandar um esforço em torno de US\$ 10 bilhões, muito alto para uma economia que não quer cair na recessão inicialmente imaginada.

É importante aqui salientar a estreita re-

Índice de exportação



Fontes: Bloomberg/ Secex/ Tendências
Inclui açúcar, café, soja (grão), farelo, óleo e frango.
Deflacionado pelo PPI até junho

lação existente entre importação e comportamento do PIB.

Quanto mais cresce o PIB, maior é a demanda doméstica e maior a pressão sobre os produtos importados, principalmente de máquinas e insumos usados para a produção interna de bens de consumo.

Roberto Padovani, da Consultoria Tendências, por exemplo, está projetando um déficit de US\$ 600 milhões na balança comercial deste ano, supondo crescimento zero sobre o PIB do ano passado.

Se a economia este ano crescer 1% ou 2%, o déficit comercial tende a ser maior.

Do lado da exportação, há o efeito dos preços externos e também da desorganização dos manufaturados brasileiros.

Padovani prevê em 12% a queda da receita em dólar no primeiro semestre com a venda de soja, café, fumo e ferro.

“Representam 80% da nossa pauta de produtos básicos”, diz ele. Mas outros produtos também têm amargado significativos declínios de preço lá fora.

Fábio Silveira, também de Tendências, montou um gráfico que mostra a queda do índice de exportação de commodities agrícolas. Considera açúcar, café, complexo so-

ja e frango (ver abaixo).

De tudo isso se depreende que são largas as chances de o déficit da conta corrente este ano ter um peso na economia muito parecido com o do ano passado, quando atingiu 4,33% do PIB. Pode até ser pior, ainda que se tenha passado por uma desvalorização do real em torno de 33%. Pode chegar até a 4,5% ou mais com relação ao PIB.

Em termos absolutos, no entanto, o valor do déficit em conta corrente tende a ser menor. Se ficar em torno de US\$ 26 bilhões, como estima Padovani, terá representado uma melhora de US\$ 7,6 bilhões sobre o déficit de US\$ 33,6 bilhões de dezembro de 1998.

Como explicar os sinais contraditórios de um mesmo indicador?

É que a desvalorização do real fez com que o PIB medido em dólares caísse substancialmente. Era US\$ 776,3 bilhões em 1998. Pode fechar 1999 em torno de US\$ 550 bilhões. Trouxe o tamanho da economia para sua real dimensão. O esforço necessário para cobrir o déficit das contas externas continua, no mínimo, o mesmo. ■

(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)